

Alfredo de Magalhães
2009.08.26

II JORNADAS de PATRIMÓNIO

caminhos da fé



Belmonte, 11 e 12 de Abril de 2008

Ficha Técnica:

II Jornadas do Património de Belmonte " Caminhos da Fé "

Edição: Câmara Municipal de Belmonte

Impressão e Acabamento: Gráfica do Tortosendo, Lda

Tiragem: 300 Exemplares

Depósito Legal: 297262/09

Ano 2009

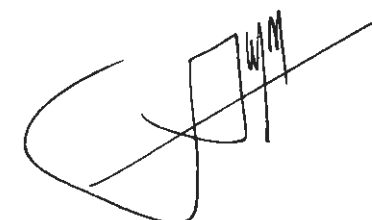
Mensagem do Presidente

Mistérios insondáveis da alma que nos fazem continuar a caminhar na procura de uma luz que nos encha a mente e nos transporte para a tranquilidade e para a paz de uma meditação serena acreditando no sobrenatural que nos leva a olhar o património como uma fonte onde podemos saciar a sede do conhecimento descobrindo em cada pedra, muito gasta, dos degraus do templo um porto de chegada ou de partida sempre na tentativa de alcançarmos a nossa paz espiritual.

Olhares diferentes dos caminhos da fé mas que teimam em encontrarem-se numa enervizinhada onde reside a esperança, a fé e a certeza de com isso nos sentirmos mais esclarecidos e conhecedores do misticismo que envolve as memórias dos tempos mais longínquos e que hoje, parecem querer ressurgir das cinzas do passado.

São os caminhos de Santiago! São os caminhos da Fé!

© Presidente da Câmara Municipal de Belmonte



Amândio Manuel Ferreira Melo

Caminhos de Santiago em Belmonte

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha

Há hoje um cada vez maior interesse pelo antigo, produto sempre interessante para vender. Porque, hoje, vende-se bastante bem o que resta: moinhos, pombais, ruínas de uma velha casa, caminhos velhos, de Santiago que sejam, gastronomia, artesanato, e um imenso etc.

Na opinião pública, falar hoje de Santiago é necessariamente falar de caminhos, do que resta dos caminhos de Santiago.

Não sei propriamente falar dos Caminhos de Santiago nas terra de Belmonte, que os não conheço com os pés, como dizia Unamuno ser necessário. Coloco-me, portanto, aqui, apenas na perspectiva de homem de gabinete cujas hipóteses precisam de comprovação no terreno.

Sinto-me muito honrado com o convite que me fizeram e que agradeço, chamando-me a esta acastelada terra que, como outras mais por estes lados, funcionou durante séculos como válvula de segurança relativamente a Castela, defendida por muitos que, como o vizinho Fr. Heitor Pinto (?-1584), poderiam ter dito que “pode D. Filipe meter-me a mim em Castela, que não pode meter Castela em mim”. Aqui vim já em diversas ocasiões prestar a minha homenagem ao grande Cabral (1467 ou 68-1520). São terras estas de portugalidade difícil, ontem como hoje, mas terras provadas e honestas. Também por isso, vim.

1. O que são caminhos de Santiago?

Para estudar caminhos antigos, precisa a gente, antes de mais, pôr-se na pele dos velhos caminheiros, pois que - como dizia o poeta - «no hay camino, / se hace camino al andar».

Antes de mais, andar porquê?

O Homem medieval apenas saía da sua aldeia por ócios e negócios, devoções e paixões, quase sempre a pé (só os nobres e o alto clero o faziam doutro

modo). Nada o demovia, nem o tempo, nem as dificuldades do caminho, muito menos as distâncias.

Um exemplo é o famoso santuário de Compostela. Se chamava peregrinos de centenas e de milhares de quilómetros, tinha de estar em causa qualquer coisa de muito importante, de profundamente enraizado na crença, algo de verdadeiramente religioso, mesmo transcendente. Tanto assim que quem lá não for em vida, tem de ir lá depois da morte. Não era, pois uma simples curiosidade, cultural que fosse, algo de aventureiro, ou simplesmente turístico.

Depois, por onde?

Esta é a questão dos caminhos físicos.

Os peregrinos jacobeus eram, na sua maior parte, gente simples que, quase sempre, andava a pé. Assim sendo, se em princípio utilizavam a estrada normal, fundamentalmente romana, a verdade é que, quando lhes convinha e se lhes convinha (se isso lhes encurtava caminho), a abandonavam pura e simplesmente, cortando então a direito, por caminhos e sendeiros de pé posto, serra acima ou monte abaixo. Faziam-no porque queriam chegar depressa, nem que para isso tivessem de arrostar com dificuldades ou mesmo perigos suplementares.

Mas sabiam também os peregrinos procurar pontes e barcas de passagem, se e onde as havia; escolhiam ainda, em princípio, os caminhos mais seguros (os salteadores foram sempre grandes inimigos de peregrinos, almocreves e caminhantes em geral) e buscavam albergarias, hospitais, mosteiros ou conventos, mesões e outros lugares de pouca, restauração e pernoita. E nunca esqueciam os santuários mais famosos que aproveitavam para visitar na passagem.

Como todos os seres vivos, por onde passou, o homem deixou a sua chancela. A peregrinação jacobea, concretamente, deixou marcas, muitas marcas, no património e na toponímia, nas devoções e nas festas, nos costumes, na música e até na culinária, na cultura em geral.

A **hagiotoponímia** é por isso uma fonte de informação incontornável nestas questões dos Caminhos de Santiago. Muitas vezes desapareceram mesmo as paróquias, as capelas ou as festas, tudo: mas ficou na memória popular o hagiotopónimo, a gritar que ali existiu um lugar de culto dessa invocação entretanto arruinado.

Regressando aos caminhos antigos em geral, é preciso também conhecer bem a **toponímia** directamente **relacionada com a viandância em geral**. Ela conserva-se praticamente intacta e presta hoje um grande auxílio na detecção da antiga rede viária.

Cito apenas alguns topónimos: Barco/a, Barqueiro/a(s), Brea ou Breda, Calçada, Cálem, Cale ou Cal, Caminho, Carreira(s) e outros derivados de carrus, Carral, por exemplo, ou Carreiro, Corredoura, Cruz (das Almas, da Carreira), Cume, Cumiada e Cumieira, Estrada ou Estradinha, Parada, Paradinha, Passagem, Passo(s), Penso, Poldras ou Ponte, Porto ou Portela, Rua, Sendim e seus derivados.

Como não podia deixar de ser, ainda hoje é assim!, ao longo destes caminhos foram aparecendo, para assistir aos viandantes, a Albergaria, o Alcouce, a Estalagem, a Gafaria, o Hospício, o Hospital, o Mesão e a Pousada. Mas também a Fonte, o Padrão (topónimo que pode indicar a existência de um marco miliar romano ou de um cruzeiro tridentino) e a Venda.

As Vilas, nomeadamente as Novas, designadas ora por um patronímico que referia a sua origem ou um título de posse, ora por um qualificativo (Alva, Boa, Chã, Cova, Franca, Fria, Meã, Nova ou Velha, Pouca ou Maior, Real, Seca, Verde ou Viçosa), são também muito importantes: porque Vila exige estrada (Vou à Vila!). Depois, as Vilelas, os Vilaes, os Vilarelhos e os Vilarinhos que nasceram

também ao lado destes caminhos ao longo de toda a Idade Média. Mas não se podem ignorar as Abegoarias, as Aldeias, os Burgos, as Casas e os Casais, as Igrejas e os Grijós, os Mosteiros e os Mosteirós, os Paços e os Paços, as Póvoas, do mesmo modo que, surgidos em tempo mais antigo, as Arcas, os Arcossós e os Arcozelos, as Bóbedas e Bobadelas, os Cidadelhes ou as Cidadelhas, as Cidades, os Marmoirais e as Moimentas, etc.

Recolher todos estes dados e colocá-los depois num mapa resulta, pode parecer, numa anarquia de pontos de referência; mas, após uma constatação cuidada, logo se conclui que todos eles são pontos de passagem de caminhos importantes na viação portuguesa medieval e até moderna, afinal a utilizada na peregrinação jacobea.

A tradição oral, sempre localizada, permite ainda a quase total detecção destas vias, nomeadamente na província, onde elas se conservam quase intactas e são ainda, por isso mesmo, muito utilizadas. Tenho, por isso, interrogado centenas e centenas de pessoas ao longo deste país, aproveitando o conselho de Miguel Torga: «Velhos e velhas... são... a bússola a que recorro para me orientar nos caminhos que levam a terras...».⁶

Finalmente, há os relatos de peregrinação⁷ ou de viagem pelos quais sabemos com precisão que traçado escolheram alguns peregrinos jacobeus ou viajantes a Compostela, poucos afinal mas qualificados. Mas estes relatos não são de gente do povo, antes de pessoas qualificadas e ricas, de cultura ou de bens, muitos deles com cavalos, equipagens e criadagem que se não sujeitavam às dificuldades que o caminho impunha aos mais pobres, a maioria.

⁶ Diário XV, 1990, p. 185.

⁷ Sobre todas estas questões, ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da - Santiago em Portugal. A devoção e a peregrinação, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2001.

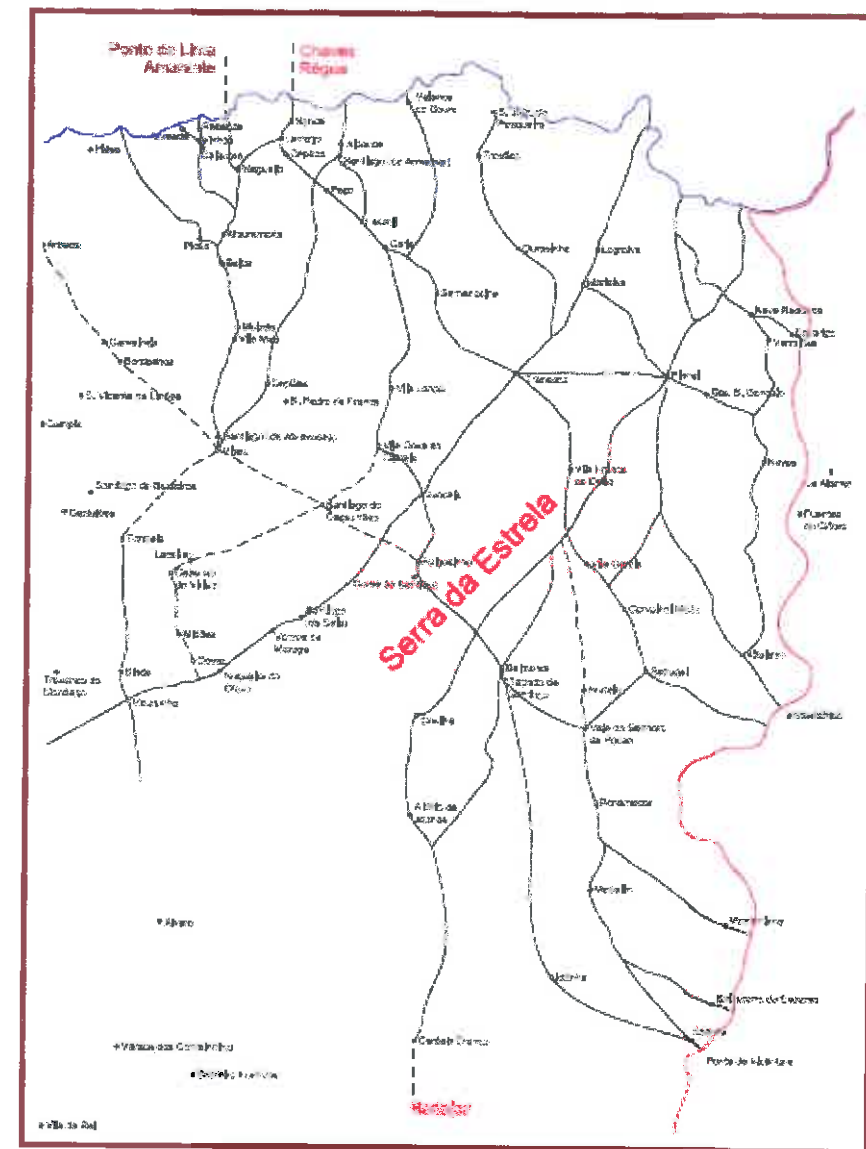
Falar portanto de caminhos de Santiago obriga a saber sobretudo dos traçados utilizados por estes últimos: queriam chegar depressa, com a segurança possível e, sempre que praticável, aproveitavam a ocasião para visitar, na passagem, um santuário de nomeada.

Falar de Caminhos de Santiago é abordar todo este universo. Eles nunca são aquilo que nós desejaríamos que fossem ou que sejam. Caminhos de Santiago são o que são, isto é, são o que foram e existem ainda muitas vezes, íntegros e físicos: preciso é procurá-los, não inventá-los. Há para aí Caminhos de Santiago para todos os gostos, até estradas nacionais construídas há 40 ou 50 anos, ou Caminhos de Santiago para os chamados «todo o terreno»!

Estes Caminhos têm/tinham uma espiritualidade, isto é, eram a expressão de um universo de crenças e de valores. Desde logo, porque, em todos os tempos e em todas as culturas, peregrinar foi um acto profundamente religioso, no fundo uma metáfora da vida do homem. Abordá-los doutra maneira, os Caminhos de Santiago, na mira seja do que for, é passar ao lado desse acreditar, é perverter um legado, uma longa história, uma realidade que, também ela e de uma maneira única, caboucou uma Europa de diálogo e de troca, mundo de homens iguais, livres e fraternos. Porquê? É que os peregrinos de Santiago que acorriam à Galiza de todos os lugares da Europa nascente e se juntavam pelos caminhos e conviviam uns com os outros nas albergarias e nas igrejas espalhadas ao longo dos trajectos, dias a fio em jornadas sem fim, comungavam também esforços e dificuldades, ajudavam-se e animavam-se, trocavam crenças, ideias e valores, práticas e costumes, técnicas e estéticas, comungavam orações e misericórdias, isto é, praticavam aquele diálogo que entrou a fazer parte do melhor do espírito europeu.

2. Belmonte e os caminhos de Santiago

Olhando o mapa, há que afirmar algumas evidências.



Mapa 2- Via romana Mérida-Braga.

1. Passava em Belmonte a estrada [romana] Braga = Mérida. Descendo de Braga, vinha passar o Tâmega na Ponte de Canavezes, subia a Tongóbriga e Mesão Frio, passava o Douro de Barqueiros para Porto de Rei, seguia depois por Lamego, Trancoso, Valhelhas, Belmonte, Medelim, Ponte de Alcântara e Mérida. Em sentido contrário, o que restava desta estrada serviu ao longo da Idade Média de caminho a levas de peregrinos que, da Andaluzia, pela Via da Prata mas cortando a direito por território português, se dirigiam a Compostela. Muitos ou mesmo a sua maior parte – a Ponte de Alcântara o garante - passavam em Belmonte. De facto, a Ponte de Alcântara, que se mantém ainda e manteve em serviço ao longo dos séculos, carriou imensos peregrinos para território português e para Belmonte.

2. Outros chegariam aqui, mais ou menos provenientes da mesma mas depois de optarem por abandonar a Via da Prata em Zafra ou Mérida, passando depois em Badajoz.

3. A dificuldade de passar a Serra da Estrela da Estrela quase obrigava todo este trânsito a derivar para Norte, para a Guarda, donde seguia posteriormente para Braga e Ponte de Lima ou para Chaves na demanda de Compostela.

4. A Serra não impedia, no entanto, de todo, que quem viajasse da região de Belmonte para a vertente ocidental da Estrela, o pudesse fazer com segurança, sobretudo no Verão, a época auge da peregrinação jacobea. Era por aí perto, de resto, que seguia a estrada romana de Mérida a Braga. E terão sido tantos os peregrinos a passar por ali que o alto do cume serrano que lhes ficava ao lado acabou por ser baptizado, na Idade Média, claro!, de Cume de Santiago, 1481 metros de altitude. E no Cume, não podia deixar de ser, a capela de Santiago (ainda no ano de 1990 houve ali festa; de então para cá não sei). Em 1992, entrevistei ainda em Folgoso duas pessoas que, em separado mas uma confirmando a outra, me descreveram com precisão o caminho que os antigos pastores da região utilizavam na transumância de Inverno dos seus gados rumo à serra do Marão⁸.

⁸ Foram eles Paulo Jorge Esteves Pereira, antigo pastor, e o Prof. Augusto Pires de Sousa, ambos residentes em Folgoso.

5. O trânsito da peregrinação jacobea espalhou por esta região uma imensidade de lugares de culto, quase todos os apontados no mapa ao lado, paróquias ou simples ermidas, dedicados ao Apóstolo Tiago. E são todos eles que, afinal, desenham na zona os caminhos jacobeus.

E em Belmonte, passavam mesmo peregrinos de Santiago?

Pois eu julgo francamente que sim. Embora não exista – que se conheça! - nenhum relato de peregrinação levada a cabo por Belmonte, há duas particularidades que não deixo de salientar.

E a primeira é a de que, ao contrário do que acontece em quase todos os castelos portugueses, a igreja do Castelo de Belmonte é dedicada não a Santa Maria [do Castelo] mas a Santiago: Santiago de Belmonte, dizia o Catálogo de todas as igrejas já 1320. E porquê de Santiago?

Esta igreja, embora com a originalidade que acabo de referir, tem no entanto uma nota comum a muitas outras de invocação jacobea: está situada a sul da povoação, espécie de acolhimento oferecido ao peregrino que a ela chega cansado. É assim, por exemplo, em Pinhel, Monforte, Torre de Moncorvo, Salamanca ou Villafranca del Bierzo, etc.

Por isso mesmo, o espaço anterior e amplo que leva o peregrino a este lugar de acolhimento que é a ermida jacobea tem, também aqui, em Belmonte, o nome do Apóstolo: Tapada de Santiago. Noutros lugares, em Pinhel, por exemplo, é Vale de Santiago. E em Odemira, tão grande era o Vale [de Santiago] que acabou, por isso mesmo, por dar mesmo nome a uma freguesia!



Foto 1 – Tapada de Santiago (Belmonte).

Finalmente, quem vinha de Santiago de Vale do Lobo – hoje Vale da Senhora da Póvoa, nome alterado em 1957 (a freguesia que conserva o oragado de Santiago, que era já conhecida em 1320 embora, ao tempo, sem referência ao Apóstolo) – passava em Santo Amaro, na monumental capela que ainda se pode ver, mas agora fazendo parte da Quinta de Santo Amaro: e chegava depois a Belmonte pela já referida Tapada de Santiago.



Foto 2 - Capela de Santo Amaro.

Concluindo. Não são muitos os dados da devoção jacobea em Belmonte, é verdade. Mas não chegam os que citei para legitimar a afirmação de que por aqui passaram levadas e levadas de peregrinos compostelanos, provenientes sobretudo do Sul, da Andaluzia, vindos da Via da Prata?

A Via de fronteira para Compostela e as representações de Santiago Maior

Ricardo J. Nunes da Silva

(Escola Superior de Artes Aplicadas
Instituto Politécnico de Castelo Branco
/ Doutorando do IHA / FLUL)

OS CAMINHOS DA FÉ

A Reconquista cristã no ocidente peninsular tem uma profunda relação com o culto de Santiago, facto que foi enfatizado pelo surgimento de histórias e lendas que, desde o século IX, dão como sepultado o Apóstolo em terras de Compostela. Com efeito, a dita descoberta do corpo na Península Ibérica motivou o crescimento de um culto e consequentemente um incremento sistemático de vias de peregrinação composta por homens que acorriam esperançosos de vários pontos da cristandade com um único intuito, venerar o túmulo de Santiago. Sob esta dimensão, foram crescendo e implementando-se, primeiramente, trilhos que posteriormente se transformaram em verdadeiras *vias e caminhos da fé*.

No caso português, o Apóstolo Santiago é, desde muito cedo, transformado numa figura de estandarte, tornando-se patrono das batalhas e nele, as hostes militares, buscavam o intenso poder de auxílio místico para almejar vitórias nos campos de combate contra os inimigos da cristandade. Para além do carácter militar do Apóstolo, também se verifica uma exaltação vigorosa, por parte das populações do território Luso, em favor de Santiago, onde revêem na sua imagem a esperança e o perdão¹.

¹“A esperança acompanha os que buscam, e sem ela não é possível o difícil percurso dos peregrinos, ansiosos de luz e perdão” p.21 Cf. DIAZ FERNÁNDEZ, José Maria, “Santiago e a Esperança. Do Calixtino à Divina Comédia”, Santiago. A Esperança, Santiago de Compostela. Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 1999, pp.21 – 29.